

Antonio Beneti é o nosso entrevistado para este número do *Almanaque on-line*. O tema do *laço social intoxicado* é publicado aqui em primeira mão, pois se trata de um *work in progress*, estando suas ideias ainda em fase de desenvolvimento.

## **1. Você propõe que pensemos em um “laço social intoxicado”. O que seria isso?**

O mundo contemporâneo, comandado pela primazia do mais de gozar sobre os ideais na cultura, determina ou tem como consequência um laço social intoxicado.

Lacan formalizou matematicamente, em seu seminário de fins de 1969, *O Avesso da psicanálise*, as quatro modalidades de discursos ou laços sociais: do Mestre, da Histórica, Universitário e do Analista. A estrutura matemática discursiva aí construída coloca em cada discurso quatro lugares ocupados por quatro letras (que compõem a álgebra lacaniana): S1, S2, S dividido e a. O agente tóxico, dependendo sua toxicidade da posição do sujeito diante do agente, pode ser: o S1, no discurso do Mestre; o S2, o Saber, no discurso Universitário; e o Sujeito dividido, no discurso da Histórica, da ajuda, do amor. Temos aí três agentes intoxicantes, quando em excesso: um nome (S1), um Saber, enquanto conhecimento (S2), o amante, Sujeito dividido, que dá o que não tem, o amor, e espera esse retorno do amor que não tem, a partir de sua posição erotômana, dada pelo objeto a, no lugar da verdade enquanto objeto amado.

Nos discursos, temos dois campos: do sujeito e do Outro. Assim, o tóxico, o agente intoxicante, está no campo do sujeito no andar superior, enquanto agente. O único discurso não tóxico e, conseqüentemente, servindo como desintoxicante para os outros três apontados acima é o discurso do Analista, que tem no lugar do agente um vazio, o objeto causa de desejo, algo não substancializado, um semblante. Poderíamos pensar, por exemplo, que, no discurso do Mestre, o tóxico seria a produção do objeto a enquanto mais de gozar... Mas não, o agente, um S1, Mestre, amo, escraviza o sujeito enquanto saber-fazer um produto para satisfação do significante amo, desde que, no lugar da verdade, tenhamos o sujeito enquanto falta a ser. Enfim, temos um agente intoxicante que intoxica três laços sociais.

## **2. Quais seriam as modalidades de laço social existentes para se tratar o toxicômano e que efeitos elas poderiam produzir?**

O sujeito toxicômano, assim como outro qualquer, pode ser “tratado” pelos quatro, ou nos quatro discursos. Há um lugar para ele nos quatro discursos, visto que estes são modalidades de laços sociais entre o sujeito e o Outro, a partir do axioma fundamental de Lacan: “o inconsciente tem a estrutura da linguagem”.

Se utilizarmos o discurso Histórico, o que encontraremos? Um sujeito carente, a ser amado, pelo amante representado por aquele disposto a dar o que não tem, o amor, sujeito também carente identificado ao toxicômano enquanto sujeito carente, esperando

salvar o toxicômano do consumo mortífero de drogas. E, para isso, não medindo sacrifícios até a devastação amorosa. É assim que encontramos parcerias entre histéricas e toxicômanos, em posição de salvação heróica, sacrificial, tentando construir um grande homem, inicialmente identificado a uma posição de objeto resto, degradado, para tentarem ser uma grande mulher, numa busca de realização fantasmática. Ou instituições amorosas exigentes determinantes dos passos a serem dados pelo sujeito toxicômano em nome de uma vida saudável regada pelo amor.

Se utilizarmos o discurso Universitário, o que teremos? Um Saber enquanto conhecimento científico sobre as propriedades químicas das drogas e suas consequências e/ou efeitos maléficos sobre o sujeito tomado enquanto somente um corpo biológico em que esses efeitos incidem. Nesse discurso, o sujeito do inconsciente está no lugar da produção, enquanto sujeito dividido, sujeito excluído, sem fala, literalmente barrado, sob a barra. Discurso da prevenção do abuso de drogas, das neurociências, em que o sujeito é tomado como o objeto cérebro. Discurso intoxicante, com um ideal terapêutico da abstinência ou da redução de danos, via consumo de drogas substitutivas, menos danosas. Por exemplo, Metadona, como substituto da heroína. Discurso das políticas oficiais para “tratamento“ dos toxicômanos. O Saber/conhecimento é o tóxico que coloca o toxicômano enquanto um sujeito alienado, na sua dimensão de objeto gozado pelo Saber do Outro da Ciência.

Se utilizarmos o discurso do Mestre, o que encontraremos? Uma palavra de ordem no comando. Um ideal terapêutico do bem-estar. Muitas vezes emoldurado por um discurso religioso, ou de um certo número de passos, ou da laborterapia (a cura pelo trabalho nas fazendas e oficinas terapêuticas). Um significante fálico supostamente regador do gozo toxicomaníaco do consumo abusivo de drogas. O S1 é o tóxico.

Pois bem, esses três discursos veiculam uma nomeação vinda do campo do Outro: “Você é toxicômano!”. Ela mesma intoxicante, extremamente tóxica, desde que produz, via alienação do sujeito, uma resposta tóxica: “Sim, eu sou toxicômano!”, “sou dependente químico”. E o sujeito só pode existir no laço social com o estatuto de intoxicado. Num jogo de ser “limpo”, desintoxicado pelo Outro, no registro da droga, para se “sujar” novamente, intoxicar-se, e assim por diante, repetidamente, para sustentar o laço social intoxicado: pelas substâncias e pela nomeação, via esses três discursos.

Quando apontamos o consumo de nomes de substâncias químicas que supostamente produzem um alívio do mal-estar, um bem-estar ou até mesmo a felicidade, podemos falar de um “Todos consumidores!”, “Todos intoxicados!”. Uma toxicomania generalizada. E, aí, dois discursos se revelam, na contemporaneidade, “mais intoxicantes”: o Universitário e o do Mestre. Aqui com uma modificação com relação ao Mestre antigo e ao Mestre contemporâneo: o Mestre capitalista, o Mercado. Certamente, a partir da lógica das nomeações vindas do Outro do discurso da ciência, depressão e bipolaridade podem-se constituir num laço social intoxicado: “Eu sou deprimido!”, “Eu sou bipolar!”. Esse Mercado, conforme F. Naparstek difundiu em sua

conferência na Seção Minas, no dia 19 de junho, “vende palavras como se fossem coisa”. No caso, palavras como se fossem doenças, que requerem, conseqüentemente, nessa lógica, substâncias químicas. A intoxicação se dá via nomes e substâncias químicas. A desintoxicação só poderia ocorrer com o sujeito no discurso Analítico, confrontado com a causa do desejo, no andar superior desse discurso, produzindo seus S1s via desidentificação, “desintoxicação identificatória”, até o surgimento de seu nome de gozo (S1.a), único, com um S1 Uno, “fixão” de gozo: “Eu sou isso ou aquilo...!”.